

De agências bancárias a centros culturais: a presença da arquitetura dos bancos na paisagem das cidades

From bank branches to cultural centers: the presence of bank architecture in the city landscape

De agencias bancarias a centros culturales: la presencia de la arquitectura de los bancos en el paisaje de las ciudades

ALVES, Janércia Aparecida

Mestranda, Universidade Federal de Juiz de Fora, janercia.alves@arquitetura.ufjf.br

BRAIDA, Frederico

Doutor, Universidade Federal de Juiz de Fora, frederico.braida@ufjf.edu.br

ABDALLA, José Gustavo Francis

Doutor, Universidade Federal de Juiz de Fora, gustavo.francis@ufjf.edu.br

RESUMO

Este artigo aborda o projeto das agências bancárias brasileiras e as alterações ocorridas em sua espacialidade ao longo do tempo, levando à ressignificação do espaço frente ao dinamismo das mudanças tecnológicas. O objetivo principal é evidenciar a transformação da arquitetura das agências bancárias face a remodelagem da sua utilização segundo as novas exigências mercadológicas. A metodologia utilizada toma por base a pesquisa bibliográfica e iconográfica, de caráter exploratório e qualitativo. Os resultados alcançados remetem ao levantamento obtido sobre o uso inicialmente dado aos edifícios estudados e sua posterior utilização, segundo o conteúdo histórico e sua adaptação à contemporaneidade. Do projeto original aos dias atuais, percebe-se a manutenção do caráter simbólico da arquitetura bancária e sua presença marcante nas cidades, apesar da transformação de seu uso, reforçando a importância de sua implantação em localizações privilegiadas.

PALAVRAS-CHAVES: agências bancárias, potencialidade, ressignificação, transformação.

ABSTRACT

This article deals with the design of Brazilian banking agencies and the changes that have occurred in their spatiality over time, leading to the re-signification of the space in the face of the dynamism of technological changes. The main objective is to highlight the transformation of the architecture of the banking branches in order to reshape their use according to the new market requirements. The methodology used is based on bibliographic and iconographic research, exploratory and qualitative. The results obtained refer to the survey obtained on the use initially given to the studied buildings and their subsequent use, according to the historical content and its adaptation to contemporaneity. From the original project to the present day, one notices the maintenance of the symbolic character of the banking architecture and its remarkable presence in the cities, despite the transformation of its use, reinforcing the importance of its implantation in privileged locations.

KEY WORDS: bank branches, potentiality, resignification, transformation.



RESUMEN

Este artículo aborda el proyecto de las agencias bancarias brasileñas y los cambios ocurridos en su espacialidad a lo largo del tiempo, llevando a la resignificación del espacio frente al dinamismo de los cambios tecnológicos. El objetivo principal es evidenciar la transformación de la arquitectura de las agencias bancarias frente a la remodelación de su utilización según las nuevas exigencias mercadológicas. La metodología utilizada se basa en la investigación bibliográfica e iconográfica, de carácter exploratorio y cualitativo. Los resultados alcanzados remiten al levantamiento obtenido sobre el uso inicialmente dado a los edificios estudiados y su posterior utilización, según el contenido histórico y su adaptación a la contemporaneidad. En el proyecto original a los días actuales, se percibe el mantenimiento del carácter simbólico de la arquitectura bancaria y su presencia marcante en las ciudades, a pesar de la transformación de su uso, reforzando la importancia de su implantación en ubicaciones privilegiadas.

PALABRAS CLAVE: agencias bancarias, potencialidad, resignificación, transformación.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo aborda o tema da arquitetura bancária e suas transformações ao longo do tempo, adaptações espaciais e permanências nas cidades. As agências são espaços onde acontecem negociações e transações financeiras entre as instituições e seus clientes, portanto, de um ponto de vista pragmático, funcionam como interface e lugares de relacionamento social (ABDALLA, 2011, p.19). Embora esses espaços venham sendo ressignificados na contemporaneidade, inclusive em função das tecnologias de informação e comunicação, as grandes agências ainda permanecem marcando a paisagem das cidades através de seus projetos arquitetônicos (ABDALLA, 2011, p.22).

De um ponto de vista simbólico, as grandes agências bancárias ou os prédios-sede dos bancos mais importantes são edificações que representam o poderio das instituições financeiras (ABDALLA, 2011, p.22). Se, por um lado, hoje em dia as agências estão pulverizadas e descentralizadas, por outro, verifica-se que a história da arquitetura bancária é marcada por imponentes edifícios localizados em áreas centrais. São esses edifícios e seus projetos arquitetônicos que foram tomados como objetos empíricos da pesquisa que está relatada neste artigo. Parte-se da premissa de que uma parcela significativa da história das cidades pode também ser contada através da história da arquitetura dos bancos e da sua presença na paisagem das cidades.

Abordar esse tema encontra justificativa na importância que as bases econômicas representam para a sociedade, percebendo-se os bancos como instituições preponderantes no impulso desenvolvimentista, seja local, seja para a totalidade da nação. Os espaços ocupados pelas instituições bancárias possuem, normalmente, condição de destaque na paisagem urbana, localizações privilegiadas, concentração de atividades de forma a melhor atender a população (ABDALLA, 2011, p.22).



No entanto, diante dos processos de virtualização, da digitalização das transações, da ampliação dos serviços *ebanking*, assiste-se a uma obsolescência das grandes agências bancárias, as quais buscam novas formas de constituir o capital simbólico das instituições financeiras (ABDALLA; OLIVEIRA, 2019, p.4). Diante da realidade contemporânea, podemos nos perguntar: Qual a lógica subjacente às transformações das agências bancárias em centros culturais e seus impactos nas cidades? A partir dessa questão, pode-se afirmar que o objetivo principal deste artigo é evidenciar os processos de transformação da arquitetura das agências bancárias em centros culturais segundo a remodelagem da sua utilização frente às novas exigências de mercado.

2. METODOLOGIA

Para a realização da investigação, utilizou-se, como procedimento metodológico, de pesquisa bibliográfica e iconográfica (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.54), baseada em informações divulgadas pelas instituições bancárias citadas - Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Santander - sendo principal temática a arquitetura bancária e a memória histórica por elas representada e suas relações com as cidades. Quanto à sua natureza, podemos dizer que se trata de uma pesquisa básica, de caráter exploratório e qualitativo.

Para o estudo foram selecionadas quatro agências bancárias que possuem, por característica comum, o valor histórico e arquitetônico de seus prédios e sua transformação em centros culturais, embasando as pesquisas relacionadas às alterações ocorridas nas edificações em função da adaptação ao mundo contemporâneo. Apesar das transformações motivadoras serem de cunho tecnológico, portanto pertinentes ao sistema bancário mundial como um todo, o estudo se refere ao âmbito contextual de agências brasileiras.

As edificações selecionadas, todas do início do século XX, foram construídas para abrigar agências bancárias de importantes bancos localizados em capitais brasileiras, nos centros das cidades. Nota-se que as transformações dessas agências estudadas em centros culturais datam do final do século XX e início do século XXI. Os projetos foram analisados segundo critérios de localização (cidade e bairro) e aspectos arquitetônicos (estilo, data de construção e de reforma), amparados na carga simbólica que o fato de serem imóveis tombados traz como importância.

3. AGÊNCIAS BANCÁRIAS: RESSIGNIFICAÇÃO E IMPACTOS NAS CIDADES

Contribuindo para o processo de adaptação a novas épocas, a reabilitação de edifícios incorpora um novo sentido para aquilo que é pré-existente. A resignificação surge como uma fonte de vida nova, através de intervenções que não apenas preservam a edificação, mas, sobretudo, valorizam sua permanência na história. Perpetuam a marca da instituição, explorando o que o lugar permite, mesmo que se implemente uma nova função (SEGRE, 2004, p.56). O registro que se deixa é o de ampliação de possibilidades arquitetônicas em detrimento de simples abandono ou até a demolição. Harmonizar o espaço e novas necessidades é o desafio, o diálogo do tempo que se procura.

Jacobs (2011, p.207) apresenta, como terceira condição para aplicação da diversidade urbana, a necessidade de o distrito explorar “uma combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados, e incluir uma boa percentagem de prédios antigos”. A autora faz a defesa da manutenção e utilização dos edifícios antigos, enfatizando o alto custo gerado por novas construções, comparativamente ao uso que se possa porventura destinar às construções já existentes. “As cidades precisam de mesclas de prédios antigos para cultivar as misturas de diversidade principal, assim como aquelas e diversidade derivada. Elas precisam especificamente dos prédios antigos para incubar uma nova diversidade principal” (JACOBS, 2011, p.216).

Quando a mesma autora ressalta o obsoletismo programado como situação difícil de ser aplicada aos edifícios e se implementar uma economia aceitável (JACOBS, 2011, p. 442), imagina-se a possibilidade de se transportar essa reflexão para as atividades econômicas. Essas também sofrem ação do tempo e necessitam utilizar de arcabouços de revitalização, tal como o “*retrofit*” na construção, para que possam perdurar no mercado. Transpor a passagem natural do tempo, através da oferta de um novo uso local ao edifício, é uma forma de trazer ao público uma diversidade derivada que se torna principal, atemporal para a construção que já não consegue mais ter sua função original no espaço edificado. Situação pertinente à atual virtualização dos serviços bancários, levando a maioria das instituições do ramo a não necessitarem mais de imponentes e robustos prédios de atendimento à clientela.

Lynch (2011, p.113), sobre a “percepção do mundo urbano, complexo e em permanente transformação”, afirma que “a força da imagem aumenta quando o marco coincide com uma concentração de associações”. Assim, unificando os conceitos trazidos pelos autores acima citados, observa-se o quão importante a imagem se faz presente e significativa para as pessoas. As antigas agências bancárias são marcos históricos, conforme ressalta Abdalla (2011, p.23), pontos de referência

nos espaços que ocupam, imagens que tangibilizam o poder exercido pela força econômica dos bancos, reforçando a marca perante o inevitável ambiente virtual e transcendendo a inexorável imposição temporal (ABDALLA; OLIVEIRA, 2019).

Ainda segundo Lynch (2011, p.124), “pode-se confiar cada vez menos na organização gradual através de uma longa experiência, pois o próprio ambiente urbano está mudando rapidamente, acompanhando as transformações técnicas e funcionais”. São mudanças capazes de desorganizar a percepção pessoal já concebida, de não ver mais função para o edifício, e até mesmo ignorar sua presença pela perda de funcionalidade.

Para Jacobs (2011, p.209), “o tempo torna obsoletas certas estruturas para certos empreendimentos, e elas passam a servir a outros. O tempo pode transformar o espaço adequado para uma geração em espaço supérfluo para outra”. O que se tornou supérfluo na relação banco/cliente na atualidade – as agências físicas – passou a ganhar significado como disseminador de cultura e preservação da imagem de poder dessas instituições. “Ideias antigas às vezes podem lançar mão de prédios novos. Ideias novas devem lançar mão de prédios antigos” (JACOBS, 2011, p.208).

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB RJ)

O espaço onde hoje se encontra o CCBB RJ teve seu início projetual em 1880, por concepção do arquiteto da Casa Imperial Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, sendo inaugurado em 1906, então como sede da Associação Comercial do Rio de Janeiro e tendo em sua rotunda o pregão da Bolsa de Fundos Públicos, segundo o portal do Banco do Brasil¹. Foi adquirido pelo Banco do Brasil na década de 1920, sendo realizada reforma para abrigar sua sede. A nova função tornou-se marco para a edificação, registro importante para o mundo financeiro nacional e onde estaria até 1960, quando veio a ceder lugar à Agência Centro do Rio de Janeiro, posteriormente Agência Primeiro de Março.

O endereço, Rua Primeiro de Março nº 66, centro da cidade do Rio de Janeiro, no prédio de linhas neoclássicas, viria a ser futuramente o primeiro Centro Cultural brasileiro ao final da década de 1980, mantendo o valor simbólico e arquitetônico do prédio. Para o projeto de adaptação, a equipe do Banco do Brasil optou pela preservação do requinte das colunas e dos ornamentos, o mármore do foyer às

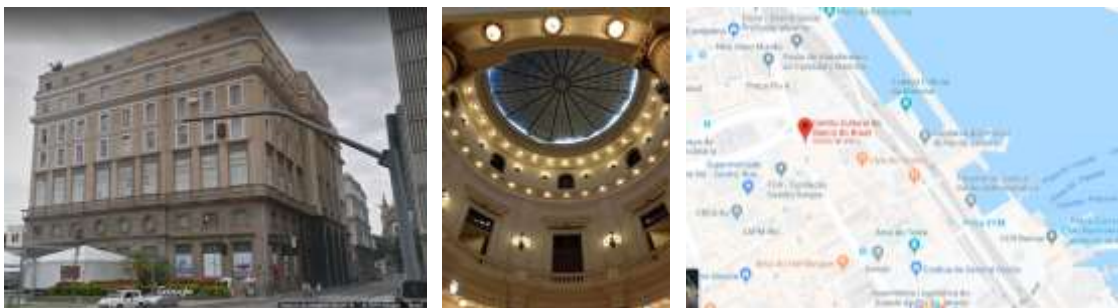
¹ As informações sobre as edificações do Banco do Brasil estão em: CCBB. *Saiba mais sobre o CCBB*. [s.d.]. Disponível em: <http://culturabancodobrasil.com.br/portal/o-ccbb/>. Acesso em: 6 maio 2019.

escadarias, reformando a cúpula sobre a rotunda, equipamento que agiganta o espaço. Sua inauguração aconteceu em 12 de outubro de 1989.

O prédio conta com área construída de 19.243 m² e ocupação pelo CCBB em 15.046 m² da sua totalidade (Figura 1). O edifício possui salas para mostras no primeiro e segundo andares, uma sala de cinema no térreo, uma sala para exibição de vídeos e três salas para espetáculos teatrais. Há ainda um auditório no quarto andar e uma biblioteca no quinto andar.

Para atendimento aos usuários, considerando as condições de acessibilidade, foram instalados rampa de acesso à edificação, sanitários para cadeirantes, boxes para cadeirantes nos teatros, cinemas e videoteca, elevadores especiais no restaurante e videoteca, além de telefones públicos para portadores de deficiência auditiva e visual. Adaptações arquitetônicas visando garantir o acesso irrestrito ao público visitante.

Figura 1: CCBB RJ



Fontes: (1) <https://www.google.com/maps/@-22.9004574,-43.1769913,3a,36.2y,127.62h,103.24t/data=!3m6!1e1!3m4!1sWR13BPWn-97CufvFDGAA!2e0!7i13312!8i6656> (2) CCBB RJ. Foto: Paloma Romanos, 2015; (3) Google Maps, 2019.

Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo (CCBB SP)

Conforme informações registradas no portal do Banco do Brasil, adquirido pelo Banco do Brasil em 1923, o prédio recebeu alterações para se tornar agência bancária através de projeto do engenheiro-arquiteto Hippolyto Gustavo Pujol Junior. Essa agência bancária foi a primeira sede própria do Banco na cidade de São Paulo, à Rua Álvares Penteado, n° 112, funcionando como tal até 1996.

O edifício, de estilo eclético, com elementos presentes do neoclassicismo, da renascença italiana e do segundo reinado francês, constitui-se de cinco andares e um grande vão central, além de uma torre baixa, integrada ao corpo principal. Apesar de dúvidas iniciais sobre a autoria da sua fachada, concluiu-se ser criação de Pujol, tendo o mesmo definido a esquina como porta de entrada da agência, influência francesa, levando ao máximo aproveitamento do espaço interno.

A partir de 1996 iniciou-se o projeto de reforma pelas mãos do arquiteto Luiz Telles e equipe, a fim de receber o centro cultural. No ano de seu centenário de construção, 2001, em 21 de abril, o edifício passou a atender o público como centro cultural, contribuindo para a renovação urbanística do centro histórico de São Paulo (Figura 2).

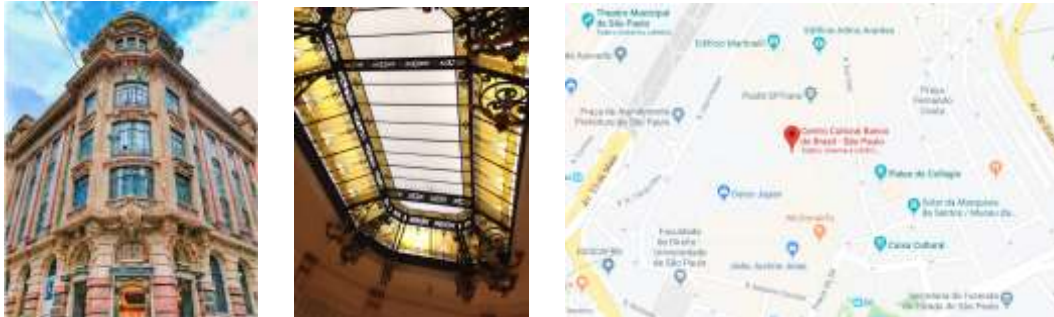
Interferências de restauro foram realizadas, como nos cofres da agência e nas portas de aço e bronze, sendo os espaços do subsolo convertidos em salas de exposição de numismática. No térreo, os mobiliários foram adaptados à nova circulação, favorecendo o hall de entrada, e no mezanino foi instalado um restaurante. O primeiro andar foi preparado para oferecer cinema, sala de vídeo e sala para workshops. O segundo andar foi transformado em espaço para exposições e cibercafé. O terceiro andar possui outras salas de exposição e teatro. Marcas do tempo foram preservadas como se encontravam à época da reforma, como o estado de piso e portas, demonstrando o respeito para com a história e características do local. São inúmeros espaços culturais e administrativos em dimensões não tão generosas: apenas 4,1 mil m².

Os elementos mais trabalhados como capitéis, adornos dourados e luminárias de dois braços encontram-se instalados nos andares onde se fazia presente a agência bancária, ou seja, no subsolo, térreo e primeiro andar, perpetuando a pujança econômica bancária. Os demais andares, destinados à locação, possuíam decoração menos elaborada. Uma claraboia de vitral colorido fazia a distinção espacial e de usos e, com a reforma, realizou-se a integração dos espaços com a transferência da claraboia para o quarto andar.

Vislumbrando a integração dos novos usos, obedeceu-se às exigências tecnológicas para adequação ao funcionamento, como climatização, equipamentos de áudio e vídeo, controle de umidade em função das obras de arte, vidro acústico, segurança e controles digitalizados.

A centenária agência bancária, com fachada e outros elementos tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) e pelo Departamento do Patrimônio Histórico/Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (DPR/Conpresp), oferece ao público visitante a possibilidade de conviver, através de diversificadas atividades culturais, com o resgate do passado em um espaço que se ajusta à contemporaneidade. Além de contribuir com o diálogo de renovação do entorno da área ocupada.

Figura 2: CCBB SP



Fontes: (1) <https://www.instagram.com/p/Bq97zJIA69o/>; (2) CCBB SP. Foto: Paloma Romanos, 2016; (3) Google Maps, 2019.

Caixa Cultural – Centro Cultural São Paulo

O edifício ocupado pelo Caixa Cultural São Pulo, segundo o portal da Caixa Cultural², foi inicialmente projetado para dar lugar aos escritórios administrativos da Caixa no estado, ocupando os imóveis adquiridos no entorno da velha sede, de 1907. A edificação teve elaboração e construção realizadas pelos Escritórios Albuquerque & Longo, à Rua Venceslau Brás, antiga Travessa da Sé, inaugurada pelo então Presidente da República, Getúlio Vargas, em 1939. Esteve atuante com atividades bancárias, como sede regional da Caixa até 1979, quando se transferiu para endereço na Avenida Paulista, importante centro financeiro e referência na cidade de São Paulo.

Sua arquitetura é um exemplar *art déco* na cidade, tombado como patrimônio municipal pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp). Em 17.000 m² de área construída, apresenta caráter monumental no centro histórico da cidade, conivente à ideia de pujança estatal, além de ser uma exaltação ao governo Vargas. Seus elementos construtivos realçam sua imponência, com pórtico e colunas jônicas em granito preto e mármore nas paredes internas do térreo, pé direito duplo, vitral com seis metros e claraboia em vitrais coloridos, não faltando materiais importados em sua composição. Em seu interior, espaços ambientados e componentes e materiais originais em plena conservação (Figura 3).

Após reformas para a instalação do centro cultural em 1989, através de requalificação dos espaços e adequação tecnológica, foram criados espaços expositivos, sala de leitura, sala de oficinas, auditório,

² As informações sobre a Caixa Cultural foram retiradas do site <http://www.caixacultural.com.br>. Acesso em: 6 maio 2019.

além do Museu da Caixa. Este, instalado em 1.200 m², pretende ser uma forma de divulgar e preservar o passado histórico da instituição, trazendo em seu acervo importantes registros e documentos de memória do sistema financeiro nacional. Além de equipamentos utilizados para atividades características da instituição, como penhora de joias, e espaços distintos, como a Sala da Habitação, registrando a importante função e participação da Caixa Econômica Federal na história dos financiamentos para aquisição de moradias brasileiras.

Atuando através de um conjunto de centros culturais, o programa da Caixa Econômica Federal, voltado para apoio à cultura e patrocínios, possui unidades em diversas capitais brasileiras e, dentre elas, está a unidade Caixa Cultural São Paulo.

Figura 3: Caixa Cultural São Paulo



Fontes: (1) <https://www.google.com/maps/@-23.5492013,-46.6331354,3a,82.7y,104.85h,90.46t/data=!3m6!1e1!3m4!1ssuuOMYor965s7oAIHLG-7Q!2e0!7i13312!8i6656>; (2) Google Maps, 2019.

Santander Cultural – Porto Alegre

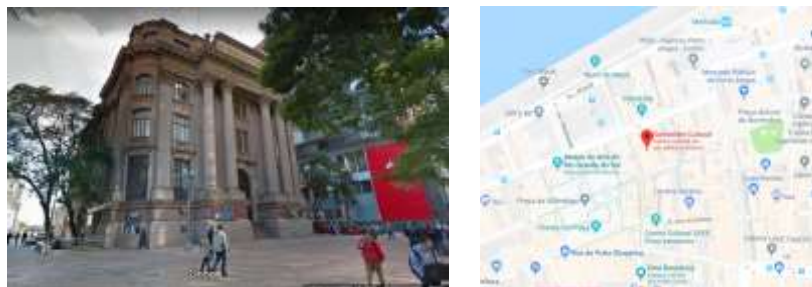
O edifício que abriga o Santander Cultural, segundo o portal da própria instituição³, centro cultural do banco Santander, construído entre 1927 e 1932, contou em seu projeto com a participação do engenheiro civil Hipólito Fabre, do escultor espanhol Fernando Corona e dos arquitetos Stephan Sobczack, polonês, e Theo Wiederspahn, alemão. Diferentemente dos estudos aqui apresentados, o prédio serviu como sede de várias instituições bancárias, com localização à Rua Sete de Setembro, 1028, no centro histórico de Porto Alegre (RS) (Figura 4).

³ SANTANDER. *O prédio*. Disponível em: <https://www.santander.com.br/institucional-santander/cultura/predio>. Acesso em: 6 maio 2019.

Em arquitetura de estilo eclético, apresenta elementos dos estilos neoclássico, art nouveau e barroco-rococó. Em 1987, o prédio foi tombado como patrimônio histórico e artístico do Estado, registrando a sua importância enquanto patrimônio de destaque para a cidade. O interior do edifício impõe, através de seu gigantesco pé direito de mais de 12 metros, uma grandiosidade própria de instituições financeiras, e uma farta iluminação natural, originada de três imensas claraboias. Com área construída de 5.600 m², é um exemplo de construção que representa solidez e segurança.

A restauração para receber o Santander Cultural ocorreu em 2000, através de projeto do arquiteto Roberto Loeb, em parceria com a Solé & Associados, transformando o antigo banco em um centro cultural, contando com adaptações para prover segurança, acessibilidade e conforto térmico aos usuários. A revitalização do prédio trouxe o átrio, construído no antigo fosso de luz, para a utilização na nova atividade. Com visual arrojado, possui piso de vidro sobre os vitrais especialmente iluminados, espaço que se destina à realização de premiações, seminários e shows semanais, entre outras atividades. No subsolo do prédio está a exposição Documentos, um prédio e outras histórias, contando a trajetória da transformação da unidade bancária em centro cultural.

Figura 4: Santander Cultural



Fontes: (1) [https://www.google.com/maps/@-30.0292797,-](https://www.google.com/maps/@-30.0292797,-51.2304151,3a,63.1y,12.08h,108.19t/data=!3m4!1e1!3m2!1sYppaiiDUUjDyDrJmgg-CwA!2e0)

[51.2304151,3a,63.1y,12.08h,108.19t/data=!3m4!1e1!3m2!1sYppaiiDUUjDyDrJmgg-CwA!2e0](https://www.google.com/maps/@-30.0292797,-51.2304151,3a,63.1y,12.08h,108.19t/data=!3m4!1e1!3m2!1sYppaiiDUUjDyDrJmgg-CwA!2e0); (2) Google Maps, 2019.

4 OS BANCOS E A PAISAGEM DAS CIDADES

Como se pode observar na Tabela 1, as quatro agências bancárias convertidas em centros culturais apresentadas neste artigo possuem diversos pontos em comum. Todas as edificações estão localizadas nos centros de capitais brasileiras e evidenciam, simbolicamente, o poderio das instituições financeiras, agora vinculado também à indústria cultural. Choay (2006, p.211), em seu apontamento sobre o patrimônio histórico na era da indústria cultural, afirma que “os monumentos e o patrimônio históricos adquirem dupla função (...) A metamorfose de seu valor de uso em valor econômico ocorre graças à

“engenharia cultural”, vasto empreendimento público e privado, a serviço do qual trabalham grande número de animadores culturais”.

Observa-se que as edificações dos anos 1920 e 1930, de estilos Neoclássico, Art Decó e Eclético, continuam contribuindo para a história das cidades, sobretudo quando são objetos de interesse do patrimônio histórico.

Tabela 1: Informações sobre os bancos e centros culturais

Bancos/ Centros Culturais	Edificação	Reforma	Localização	Arquiteto	Dimensão	Entorno	Estilo arquitetônico
Banco do Brasil/ CCBB RJ	1920	1989	Rua Primeiro de Março 66	Francisco Joaquim <u>Bethencourt</u> da Silva	15.046 m ²	Centro histórico Rio de Janeiro	Neoclássico
Banco do Brasil/ CCBB SP	1923	2001	Rua Álvares Penteado 112	<u>Hippolyto</u> Gustavo <u>Pujol Junior</u>	4.183 m ²	Centro histórico São Paulo	Eclético: neoclássico, renascença italiana e do segundo reinado francês
Caixa Econômica Federal /Caixa Cultural São Paulo	1939	1989	Rua Venceslau Braz, Edifício Sé	Escritório Albuquerque & Longo	17.000 m ²	Centro histórico São Paulo	<u>Art Decó</u>
Santander/ Santander Cultural Porto Alegre	1930	2001	Rua Sete de Setembro 1028	Stephan <u>Sobczack</u> e Theo <u>Wiederspahn</u>	5.600 m ²	Centro histórico Porto Alegre	Eclético: neoclássico, <u>art nouveau</u> e barroco- rococó

Fonte: os autores, 2019.

É interessante notar que, sob o ponto de vista do projeto arquitetônico e urbanístico, sobretudo em relação às intervenções contemporâneas nas cidades, a renovação arquitetônica pode trazer uma importância para a paisagem do entorno, revitalizando não apenas a própria edificação, mas a região que ocupa (SEGRE, 2004, p.19; PORTELA, 2001). Essa condição pode ser estendida para todas as edificações abordadas neste artigo. Com a renovação, há uma contribuição para que se evite o abandono e desvalorização imobiliária, impondo, contrariamente, o interesse em desvendar o interior de construções cujas repartições tiveram visita impedida por questões organizacionais e de segurança. Outra consideração importante a ser feita refere-se ao potencial construtivo das áreas que

abrigam os edifícios históricos, normalmente esgotado e sob rígido controle legal. Portanto, encontra-se, na reabilitação, uma nova perspectiva de sobrevivência do patrimônio arquitetônico e simbólico.

Embora este artigo tenha abordado apenas as edificações no cenário brasileiro, pode-se perceber que a conversão de agências bancárias em centros culturais se mostra como uma prática contemporânea mundial. Apenas à guisa de ilustração, cabe mencionar a transformação, proposta em 2008, da sede do Banco Nacional Ultramarino (de 1866) em Museu do Design e da Moda (MUDE), em Lisboa (Portugal).

Assim, verifica-se que as edificações, anteriormente vinculadas fortemente ao capital financeiro, de certa forma, tornam-se mais democráticas ao se transformarem em espaços culturais, divulgadores dos valores e da história das instituições, mas também das cidades, com foco na manutenção da imponente presença dos mesmos frente à sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas ponderações a se realizar frente aos estudos, conclui-se que as instituições pesquisadas se correlacionam por situarem-se em locais de destaque nas cidades e estarem em imóveis tombados, característica alcançada pelo valor histórico representativo que os projetos arquitetônicos trouxeram para a cultura local, fazendo associação ao desenvolvimento econômico de forma relevante.

As transformações tecnológicas ocorridas ao longo do tempo, tanto permitiram a manutenção histórica das edificações, quanto conduziram à valorização das mesmas através de intervenções cirúrgicas e meticulosas, como iluminação, soluções funcionais, remodelagens internas, artifícios arquitetônicos, estéticas primorosas. Percebe-se uma sutileza nas alterações, capazes de conduzir ao atingimento do objetivo proposto de reinserção do objeto arquitetônico junto à população, promovendo o incentivo à exploração cultural de épocas e atividades que sofreram modificações inerentes à passagem do tempo. Esses casos estudados deixam como legado, ao menos em parte, a democratização dos espaços, tornando-os públicos e permitindo o acesso tanto espacial quanto memorial das instituições, destacando-se, dessa forma, a contribuição social relevante frente à natural visão econômica dessas instituições.

6 REFERÊNCIAS



ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E
POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



ABDALLA, José Gustavo Francis. Tipologia da arquitetura e cidades: uma investigação em Juiz de Fora, MG. In: *Anais do 2º Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído*. Rio de Janeiro: SBQP, 2011, p. 14-24.

ABDALLA, José Gustavo Francis; OLIVEIRA, Juliana Similli de. Teatralidade da arquitetura bancária em Juiz de Fora: arquitetura, planos e paisagem. In: BRAIDA, Frederico et al. (Orgs.). *Arquitetura e urbanismo em Juiz de Fora: bancos, clubes, museus e universidades*. Juiz der Fora: Editora UFJF, 2019. (No prelo). p. 6-30.

CAIXA CULTURAL. *Caixa Cultural*. 2015. Disponível em: <http://www.caixacultural.com.br>. Acesso em: 6 maio 2019.

CCBB. *Saiba mais sobre o CCBB*. [s.d.]. Disponível em: <http://culturabancodobrasil.com.br/portal/o-ccbb/>. Acesso em: 6 maio 2019.

CHOAY, Françoise. O patrimônio histórico na era da indústria cultural. In: _____. *A alegoria do patrimônio*. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2006. p. 205-238.

JACOBS, Jane. A necessidade de prédios antigos. In: _____. *Morte e vida de grandes cidades*. 3. ed. São Paulo: Martim Fontes, 2011. p. 207-220.

JACOBS, Jane. Projetos de revitalização. In: _____. *Morte e vida de grandes cidades*. 3. ed. São Paulo: Martim Fontes, 2011. p. 437-450.

LYNCH, Kevin. A forma da cidade. In: _____. *A imagem da cidade*. 3. ed. São Paulo: Martim Fontes, 2011. p. 101-132.

PORTELA, Carine. *Edifícios: agência de cultura*. 2001. Disponível em: <http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/96/agencia-de-cultura-23723-1.aspx>. Acesso em: 6 maio 2019.

PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

SANTANDER. *O prédio*. Disponível em: <https://www.santander.com.br/institucional-santander/cultura/predio>. Acesso em: 6 maio 2019.

SEGRE, Roberto. Memória e Modernidade. In: _____. *Arquitetura contemporânea brasileira*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004. p.56.

SEGRE, Roberto. Os caminhos da arquitetura brasileira na mudança do milênio. In: _____. *Arquitetura contemporânea brasileira*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004. p.19.

